

GESTOR AMBIENTAL: PROFISSIONAL OU INTELECTUAL?

Antônio Ribeiro de Almeida Júnior [1]

Neste momento, está ocorrendo uma proliferação de cursos de Gestão Ambiental no Brasil. No Estado de São Paulo, são 48 cursos de graduação, sendo 40 de Tecnologia em Gestão Ambiental. Nos oito bacharelados em Gestão Ambiental deste Estado, foram criadas 660 vagas anuaisⁱ. O visível agravamento dos problemas ambientais e a conseqüente necessidade de tratá-los de um modo que o sistema de poder julgue adequado são os motivos aparentes desta proliferação. A formação em Gestão Ambiental tenta preencher uma lacuna que havia entre os profissionais da área ambiental com “ensino superior”. Mas, qual seria esta lacuna? Quais seriam exatamente as funções que o sistema de produção e poder querem ver preenchidas pelo Gestor Ambiental? Em geral, as respostas às perguntas desta natureza são equívocas, defensivas, revelando uma insegurança em relação à definição de Gestão Ambiental.

Este texto propõe-se a debater algumas destas questões. Parto da idéia de que o **bacharel**ⁱⁱ em Gestão Ambiental deveria ser um intelectual apto a atuar na área ambiental. Em outras palavras, penso que o bacharel em Gestão Ambiental não é apenas um técnico, mas é também um planejador e um executivo de políticas ambientais do Estado ou de seus órgãos, de empresas ou de organizações não-governamentais que atuam na área ambiental. Contudo, este acréscimo de aspectos administrativos não dá conta da importância do Gestor Ambiental, nem estabelece claramente as dimensões de sua atuação. O Gestor Ambiental precisa ser um intelectual porque sua atuação é, antes de tudo, política em uma das esferas mais conturbadas de nosso tempo. Esta afirmação é polêmica e conflita com outras propostas existentes para a Gestão Ambiental que a querem ver como algo quase que exclusivamente técnico ou administrativo. Uma Gestão Ambiental sem capacidade crítica, desvinculada dos movimentos sociais que criaram a possibilidade de sua existência.

Óbvio que o aprimoramento técnico na abordagem das questões ambientais é essencial e que esforços devem ser realizados no sentido de alcançá-lo do modo mais breve e eficiente possível. No entanto, parece-me que já existe uma série de profissionais com formação técnica para lidar com as questões ambientais. Por exemplo, os engenheiros de diversas especialidades (químico, agrônomo, florestal, ambiental, hidráulico etc.), os arquitetos, os biólogos, os ecólogos, têm desempenhado funções técnicas que podem ser facilmente atribuídas também aos Gestores Ambientais. O mesmo ocorre no campo das humanidades. Assim, economistas, contadores, administradores, geógrafos, entre outros profissionais, têm

ⁱ Dados retirados do site do MEC: <http://portal.mec.gov.br>

ⁱⁱ A maior parte dos cursos existentes forma tecnólogos e não bacharéis. A discussão proposta neste texto trata do papel dos bacharéis em Gestão Ambiental e não do papel dos tecnólogos, ainda que muitas sobreposições possam ser inferidas.

debatido as questões ambientais e assumido tarefas que também estariam entre as atividades dos Gestores Ambientais. Então, o que caracteriza o Gestor Ambiental? Em primeiro lugar, devemos lembrar as origens da Gestão Ambiental. Os movimentos ambientalistas não surgiram dentro da Universidade. Eles surgiram da contraposição de grupos sociais às iniciativas do Estado e das empresas privadas que causavam danos ambientais e sociais. Mais tarde, as Universidades incorporaram aspectos ambientais em seus cursos de graduação e pós-graduação, como reação às questões levantadas por estes movimentos sociais. Alguns cursos que dão tratamento mais amplo às questões ambientais também foram criados neste processo. Os cursos de Gestão Ambiental fazem parte dessa reação das Universidades. Mas, há um deslocamento dos propósitos quando os cursos de Gestão Ambiental apresentam-se como parte das atividades universitárias.

Sabemos bem que a Universidade hoje está desconectada dos interesses da maioria da população. Por exemplo, Boaventura de Sousa Santos (1996; 2006) mostra que a inclusão destes interesses nas discussões das Universidades seria suficiente para transformar completamente o ensino universitário. Esta desconexão ocorre também quando a Universidade trata das questões ambientais. Por um lado, a Universidade tende a olhar para as questões ambientais como oportunidades no mercado de trabalho para seus alunos e, por esta via, como meio de garantir sua própria sobrevivência. Por outro lado, devido às suas cada vez mais fortes conexões com o mundo empresarial, a Universidade tende a pensar os problemas ambientais por uma perspectiva que favoreça as atividades capitalistas. As perspectivas que contemplam a questão ambiental como problema de saúde pública, de segurança ambiental da população, que atribuem um valor intrínseco à natureza, que valorizam saberes alternativos aos conhecimentos científicos ou que propõem alterações profundas nas relações sociais e na produção são, quando possível, suprimidas ou marginalizadas.

Os cursos de Gestão Ambiental apresentam-se como uma das formas de apropriação pelas Universidades dos temas ambientais. A particularidade dos cursos de Gestão Ambiental é que eles chamam para si uma reflexão global sobre estes temas e se apresentam como formadores de profissionais capazes de dar conta dos problemas ambientais, colocando-os sob uma tutela administrativa. Os cursos de Gestão Ambiental sinalizam uma internalização das questões ambientais nas políticas de Estado e das empresas capitalistas. Em aparência, eles produziram em massa pessoas capacitadas para resolver os problemas ambientais das sociedades capitalistas e industriais. Sobre o Gestor Ambiental pesa, portanto, a responsabilidade de fazer aquilo que os movimentos sociais ainda não conseguiram.

O Gestor Ambiental seria um intermediário com o movimento ambientalista. Um ambientalista interno. As reivindicações dos movimentos ambientalistas seriam internalizadas nos Sistemas de Gestão Ambiental. Para mim, o problema fundamental é: quem controla as iniciativas? Os movimentos sociais ou as organizações privadas e estatais?

Uma característica importante do Gestor Ambiental é a conjugação das habilidades tanto dos técnicos quanto dos formados na área de humanidades. Não no sentido de

superar e tornar dispensáveis estes especialistas, mas de ocupar um espaço intermediário, um espaço de articulação, de tradução, de comunicação entre os universos técnicos, humanos, sociais e a direção das empresas capitalistas e dos Estados.

As ONGs que se proclamam ambientalistas têm tido uma atividade ambígua em relação aos problemas ambientais. Em certos casos, elas se unem à população para levar adiante propostas de transformação dos processos produtivos e de ordenamento social. Em outros casos, elas aparecem como aliadas das grandes empresas e apóiam propostas que não contemplam os interesses das populações envolvidas nos problemas. Muitas ONGs atuam como instrumentos de relações públicas das grandes empresas (BEDER, 2002). A internalização pelas organizações dos Sistemas de Gestão Ambiental pode, até certo ponto, colocar no lugar das atividades das ONGs o trabalho dos Gestores Ambientais, pois suas funções apresentam sobreposições significativas. Claro, podemos pensar que muitos Gestores Ambientais atuarão também a serviço das ONGs.

Em outras palavras, o Gestor Ambiental é pensado como um braço da administração com a capacidade de planejar e de colocar em execução as atividades necessárias para resolver os desafios ambientais da organização. Estes desafios não apresentam apenas aspectos técnicos, mas também aspectos administrativos, legais, políticos, culturais, sociais etc. O Gestor Ambiental é pensado como um profissional capaz de articular todas estas dimensões em ações abrangentes no campo ambiental.

Ao Gestor Ambiental compete um papel de liderança no tratamento dos problemas ambientais, que são causados pela atividade organizacional e humana em geral. Não se trata de um a liderança técnica apenas, mas de um conhecimento profundo das atividades e políticas organizacionais, da legislação vigente, dos problemas sociais implicados nas questões ambientais. O Gestor Ambiental não aspira apenas a assinar laudos técnicos, mas a de fato, articular respostas globais para problemas ambientais complexos que extrapolam a competência dos técnicos, que tendem a ser insensíveis as dimensões humanas e sociais dos problemas ambientais e que extrapolam também a competência dos administradores de empresas, que não possuem conhecimento ambiental adequado. No entanto, o Gestor Ambiental não pode subestimar as competências e conhecimentos destes profissionais, devendo viabilizar sua articulação em propostas de resolução mais abrangentes do que aquelas normalmente alcançadas quando apenas um destes campos profissionais controla a elaboração destas propostas.

Portanto, é na própria concepção de suas atividades primordiais que se coloca para o Gestor Ambiental o desafio da interdisciplinaridade. A lacuna que o Gestor Ambiental deve preencher é exatamente um campo interdisciplinar colocado entre as ciências da natureza e as ciências humanas.

Na atualidade, a interdisciplinaridade não pode mais ser construída sobre a linguagem da teoria de sistemas tal como esta foi concebida por Bertalanffy (1975). Ainda que utilizemos a noção de sistema, precisamos reconhecer que sistemas de níveis diferentes comportam-se de modo diferente e, por isto, exigem linguagens,

conceitos e dinâmicas diferenciados. As especificidades disciplinares não podem ser superadas pela adoção da noção de sistema. A teoria de sistemas não é capaz de fornecer uma linguagem, os conceitos e a descrição das dinâmicas que subjazem aos diferentes objetos do mundo. Esta linguagem comum permanece como desejo a ser alcançado no futuro, se é que ela pode ser concebida. Enquanto estivermos desprovidos desta linguagem comum, o trabalho de articulação entre os diversos campos de conhecimento precisará de tradutores, de intérpretes e, no campo ambiental, os Gestores Ambientais apresentam características favoráveis a este trabalho.

A capacidade de tradução é propícia à atividade do planejador porque é na consciência deste agente que os diferentes interesses, as diferentes exigências e coerções aparecem mais conectadas. A possibilidade de articulação e de equilíbrio das propostas depende, em larga medida, do desenvolvimento desta consciência e da sua materialização em respostas concretas aos problemas ambientais.

A interdisciplinaridade coloca-se como um desafio para os cursos de Gestão Ambiental, pois em geral, estes se originam em instituições com um caráter disciplinar acentuado que tendem para as ciências da natureza ou para as ciências humanas. Dentro das ciências da natureza, estas instituições ainda podem privilegiar um ou outro campo, por exemplo, sendo mais voltadas para as áreas biológicas, para as ciências da terra, ou para ramos das ciências exatas. Dentro das ciências humanas, podem ser instituições mais ligadas ao ensino e pesquisa em administração de empresas, às ciências sociais, à geografia, entre outras possibilidades. Esta origem institucional apresenta-se como um viés indesejável para os cursos de Gestão Ambiental, como um bloqueio ao pensamento interdisciplinar. As dificuldades que estes cursos encontrarão para estabelecer um currículo mínimo em comum derivam, ao menos em parte, destas origens institucionais.

Penso que a melhor via para superar estes bloqueios à interdisciplinaridade é a pesquisa em Gestão Ambiental. Por atuarem em áreas ambientais, em áreas administrativas ou outras que coincidem parcialmente (disciplinarmente) com as atividades da Gestão Ambiental, as instituições de ensino superior que abrem estes cursos podem se sentir preparadas para mantê-los, mas o fato é que, neste momento e nestas instituições, há pouca pesquisa sobre Gestão Ambiental.

A pesquisa é importante não apenas como elemento de construção da interdisciplinaridade, mas também como instrumento para estabelecer com maior precisão as atividades em que o Gestor Ambiental pode atuar e para diferenciar sua formação daquela pretendida para outros cursos de graduação. No Brasil, a formação em Gestão Ambiental começou em cursos de pós-graduação. Portanto, existe alguma pesquisa já realizada. Mesmo assim, devido à importância e às dificuldades específicas da questão, ainda estamos longe de ter estabelecido a necessária dinâmica de pesquisa sobre os problemas relacionados à Gestão Ambiental.

Uma definição clara sobre o que é a Gestão Ambiental e quais as funções que os Gestores Ambientais devem desempenhar é essencial para escolher corretamente os destinos da profissão. A resposta para muitas perguntas depende desta definição inicial. Por exemplo, a qual Conselho Profissional se filiar? Quais funções almejar dentro das organizações? Como se posicionar no mercado de trabalho? São perguntas que não podem ser bem respondidas se não tivermos uma clara definição do que é Gestão Ambiental.

Vinculada à noção da Gestão Ambiental como uma atividade prioritariamente técnica ou meramente administrativa, encontra-se a idéia de que a Gestão Ambiental seja apenas uma gestão da imagem ambiental da organização. Devido à complexidade das questões ambientais, qualquer profissional terá muita dificuldade em dar conta de todos os processos nelas envolvidos e terá ainda mais dificuldade para articular respostas à altura dos conhecimentos de todos os demais técnicos da área ambiental e administrativa. Assim, a tarefa pode se tornar esmagadora. O efeito disto é abrir a possibilidade de que o Gestor Ambiental venha a atuar apenas como uma camuflagem, como um profissional sem conhecimentos suficientes para propor soluções para os problemas ambientais causados pelas organizações e que tem que se restringir à construção de uma imagem ambiental da organização que não corresponde à realidade das ações da mesma.

O que é Gestão Ambiental? Esta é, portanto, uma questão inevitável quando tentamos definir o que virá a ser a atividade profissional do Gestor Ambiental. A necessidade de estabelecer uma gestão do ambiente originou-se dos crescentes danos infligidos à natureza, ao ambiente urbano e a alguns grupos pelos processos de desenvolvimento, como se costuma chamá-los. Inicialmente, as pessoas afetadas por problemas ambientais e outras simpatizantes organizaram-se em movimentos locais, reivindicando providências do Estado (McCORMICK, 1992). O objetivo original destes movimentos parece ter sido estabelecer um controle mais efetivo sobre as relações entre a sociedade e a natureza. Em outras palavras, a Gestão Ambiental apresenta-se inicialmente como um questionamento das decisões das empresas e do Estado por parcelas da população que querem ter voz e vez nesses processos decisórios. Assim, construíram-se não apenas forças sociais que pressionam pela resolução das questões ambientais, mas também bases para uma nova racionalidade capaz de integrar estas questões em seus critérios de decisão (LEFF, 2006).

Percebemos então que a definição de Gestão Ambiental não é meramente uma questão teórica, mas uma questão prática de primeiríssima importância nos dias atuais. Responder a esta questão coloca em jogo grandes interesses materiais e, portanto, não devemos estranhar que existam respostas múltiplas e conflitantes. As divergências refletem diferentes interesses e diferentes estratégias para se lidar com as questões ambientais em geral e com a possibilidade de Gestão Ambiental em particular. Há um interesse genérico da espécie humana em continuar a ter um planeta habitável, capaz de fornecer os materiais necessários à vida das sucessivas gerações. Mas, não vivemos em sociedades harmoniosas nas quais os diferentes interesses grupais e individuais são compostos de modo a atingir o bem comum. Ao contrário, vivemos em sociedades profundamente divididas em grupos com

interesses antagônicos e irreconciliáveis. Neste cenário, o interesse geral da espécie humana não tem um porta-voz oficial e todos se apresentam como seus defensores.

No entanto, esta aparente defesa do interesse coletivo é apenas ilusória, pois dadas as estruturas sociais e imaginárias predominantes, o que vale mesmo são os interesses particulares. Assim, as propostas das grandes corporações capitalistas podem parecer defensáveis em lugar de perversas.

A complexidade das sociedades contemporâneas permite que, em muitas situações, as imagens sejam mais valiosas do que a realidade. O narcisismo é um elemento preponderante nos contatos humanos. As interações são superficiais e as aparências mais importantes do que o comportamento real das pessoas e das instituições (LASCH, 1987). A publicidade e a propaganda podem construir imagens de pessoas, produtos e instituições que não correspondem aos fatos (HERMAN; CHOMSKY, 2003; LEISS; KLINE; JHALLY, 1990). Assim, a coesão social funda-se mais em ilusões e logros do que em um conhecimento do mundo real, no qual a divisão social é um terrível fato.

Se pudermos acreditar no que diz Horkheimer (2002, p. 97-130), é exatamente esta divisão que opõe os grupos e os interesses humanos que promove também a destruição da natureza. A destrutividade seria um fenômeno psíquico, social e ambiental. Para se instalar, a reconciliação com a natureza necessitaria de uma reconciliação social e psíquica. Outros autores, como Fromm (1987) e Guattari (2002), apontam o mesmo vínculo entre divisão social e destruição da natureza.

De acordo com as idéias expressas por estes autores, haveria uma semelhança profunda entre a destruição da natureza e os processos opressivos que levam à exploração capitalista do trabalho, à subordinação das mulheres e a todos os processos de hierarquização social. Além das racionalizações econômicas e de outros argumentos, as desigualdades são justificadas por eventuais diferenças, que são tomadas como manifestações de uma inferioridade natural. Desvaloriza-se o sofrimento de muitos seres humanos e se cria uma insensibilidade, uma autorização para não resolver e nem mesmo perceber os danos causados por relações sociais assimétricas.

A Gestão Ambiental pode ser um instrumento de reconciliação com a natureza e, portanto, um instrumento de reconciliação entre os seres humanos que buscam sua segurança ambientalⁱⁱⁱ. Ela coloca a utopia de um relacionamento mais equilibrado com o ambiente, implicando um relacionamento social mais igualitário e menos opressor.

Mas, há outras perspectivas menos benignas. A Gestão Ambiental pode ser pensada como instrumento para a continuidade e aprofundamento dos conflitos sociais. Ela pode ser pensada como uma forma mais racional de distribuir desigualmente os benefícios e os danos da relação com a natureza. A disputa seria então para definir quem controla o significado da Gestão Ambiental. Hoje, estas

ⁱⁱⁱ A noção de segurança ambiental está sendo utilizada como uma extrapolação do sentido dado a ela por Le Prestre (2000, p. 409-478).

perspectivas mais sombrias são as predominantes e o discurso ambientalista tem sido amplamente apropriado pelos maiores poluidores (LAYRARGUES, 1998).

Beder (2002) mostra que isto não é ao acaso, mas deriva de estratégias empresariais bem definidas que procuram responder às pressões sociais por um ambiente mais saudável. A primeira reação empresarial às questões ambientais foi somente no sentido de tratar a imagem ambiental das empresas por meio de publicidade. Aos poucos, a questão ambiental foi internalizada nos processos produtivos. Não porque a conservação da natureza tenha comovido de alguma forma os empresários, mas porque se descobriu como obter resultados financeiros com as supostas soluções para os problemas ambientais. Este é o motivo fundamental do desenvolvimento de produtos com aparência de ambientalmente corretos e da busca de novos e mais eficientes processos de produção.

Neste momento, estas estratégias em relação ao ambiente estão atingindo o núcleo da vida empresarial e estatal. Por exemplo, recentemente, um grupo de 11 militares de altas patentes (inclusive generais de quatro estrelas e almirantes) dos EUA foi contratado pela *CNA Corporation*^{iv} para produzir uma avaliação dos impactos das mudanças climáticas sobre a segurança nacional daquele país. O relatório emitido por este grupo aponta os impactos gerados pelas mudanças climáticas como o principal problema de segurança nacional dos EUA nas próximas décadas.

Uma eventual transformação das políticas ambientais do Pentágono representará um novo estágio no comprometimento do Complexo Industrial-Militar estadunidense com novas tecnologias de caráter ambiental. Por isto, estou sugerindo que as questões ambientais atingiram o núcleo da vida empresarial e das políticas de Estado. A segurança ambiental está assumindo um caráter central na política imperial, com todas as conseqüências que isto pode ter.

Potencialmente, esta condição pode afastar ainda mais os ambientalistas da criação do discurso a respeito do ambiente. O mais provável é que o ataque ao discurso ambientalista ganhe novas características, ampliando seu alcance. A questão ambiental começa a modificar completamente as estratégias empresariais e pode transformar os maiores responsáveis pelos problemas ambientais em virtuais salvadores do planeta, ao menos no mundo da imaginação publicitária. Sem alterar profundamente os objetivos capitalistas, as políticas adotadas visarão mais uma continuidade dos lucros do que a resolução dos problemas ambientais. Mas, como sabemos, as imagens podem encobrir a realidade.

Inicialmente, a crítica ambientalista colocou-se como externa aos interesses do Estado e do capital, exigindo transformações nestes interesses. Daí talvez seu apelo popular. O Gestor Ambiental representa uma institucionalização daquela crítica. Em tese, trata-se de um profissional que a teria incorporado, conciliando-a aos interesses da produção capitalista e do gerenciamento do Estado. O Gestor Ambiental pode ser, portanto, um agente que distorce o discurso ambientalista recriando-o em favor do Estado e das empresas ou ser, de fato, um elemento de

^{iv} A *CNA Corporation* é um instituto de pesquisa (*think thank*) que trabalha com questões de segurança dos EUA (www.cna.org)

transformação do comportamento do Estado e das empresas. O mais provável é que os Gestores Ambientais reais atuem de maneiras bastante contraditórias diante destas opções, abrindo espaço para sua captura pelos interesses do capital e do Estado.

No entanto, neste momento, o resultado futuro destes embates não é claro. O que podemos perceber é que a criação de um número tão elevado de cursos de Gestão Ambiental não é promissora, pois fragiliza a profissão que está nascendo. Por oportunismo das escolas e do MEC, esta proliferação de cursos ocorre antes que a necessidade do Gestor Ambiental seja estabelecida.

Considerações finais

As questões ambientais atingiram tamanha proporção que podemos falar em uma crise de civilização, transcendendo os parâmetros da mera produção capitalista de mercadorias. Enquanto alguns querem salvar o planeta, outros querem, a qualquer custo, salvar o capitalismo e não estão preocupados com os danos sociais e ambientais causados por este sistema. Para os salvadores do capitalismo, basta alardear que este pode ser diferente no futuro e que o mercado será capaz de tudo transformar. Deveríamos nos conformar com a perspectiva de mais capitalismo no futuro. Um capitalismo esverdeado é a promessa do momento.

Tudo já é sustentável ambientalmente afirmam as publicidades de modo zombeteiro. Na verdade, zombam da história, mentindo sobre a crise atual; zombam de nossa inteligência quando nos apresentam os maiores destruidores da natureza como salvadores do planeta; zombam ainda das injustiças e do sofrimento que causam no presente e, óbvio, zombam de nosso desejo de que haja um futuro para algo que possa ser chamado de civilização. Não se trata de uma zombaria qualquer, mas de uma que é pensada em detalhes, que pode se tornar quase invisível, que pode passar por verdade, que aparentemente tem um caráter técnico e científico. As mensagens são cuidadosamente calculadas para convencer as pessoas, para amortecer seu senso crítico.

Qualquer um que possa pagar o suficiente pode parecer responsável social e ambientalmente, mesmo quando são genocidas e ecocidas. Estados e empresas envolvidos em milhares de mortes anuais são apresentados como socialmente responsáveis. Empresas que executam extensos desmatamentos, contaminam os rios e oceanos, poluem o ar e o solo são apresentadas como sustentáveis e campeãs da causa ambiental. Apesar dessas e de outras mentiras deslavadas, tem aumentado a pressão social para que cuidados com o ambiente sejam efetivados.

Os governos e as empresas não têm mais condições de ignorar esta pressão. Então, para eles, tornou-se necessário controlar o processo, retirar-lo das mãos dos ambientalistas e das pessoas demasiadamente sérias ou demasiadamente ressentidas com os problemas. Os donos do poder desejam colocar em seu lugar

gente “neutra”, “técnica”, “profissional”. Em outras palavras, gente que não incomode tanto.

Definir o que deve ser a Gestão Ambiental e a atuação do Gestor Ambiental depende do entendimento sobre a crise ambiental que estamos vivendo e quais são suas possíveis soluções. Podemos adotar uma postura que implica na solução da crise ambiental dentro dos parâmetros sociais do capitalismo. Podemos também adotar uma postura mais flexível e rebelde, olhando a crise como uma oportunidade para soluções mais abrangentes e duradouras.

Referências

BEDER, S. **Global spin: the corporate assault on environmentalism**. Devon: Green Books and Chelsea Green, 2002.

BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CNA CORPORATION. **The national security and the threat of climate change**. Disponível em <<http://securityandclimate.cna.org>>. Acesso em 28/10/2007.

FROMM, E. **Anatomia da destrutividade humana**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2005.

HERMAN, E.; CHOMSKY, N. **A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia**. São Paulo: Futura, 2003.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

LASCH, C. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LAYRARGUES, P.P. **A cortina de fumaça: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica**. São Paulo: Annablume, 1998.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEISS, W.; KLINE, S.; JHALLY, S. **Social communication in advertising: persons, products and images of well-being**. London: Routledge, 1990.

LE PRESTE, P. **Ecopolítica internacional**. São Paulo: SENAC, 2000.

McCORMICK, J. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1992.

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, B.S. **Universidade no século XXI**: para uma reforma democrática. São Paulo: Cortez, 2006.

RESUMO

Este texto discute o papel da Gestão Ambiental e do Gestor Ambiental no cenário de transformações imposto pela crise ambiental contemporânea. Fica evidente que existem várias propostas para a Gestão Ambiental. Alguns querem a Gestão Ambiental como algo prioritariamente técnico enquanto outros propõem uma versão mais administrativa. O texto mostra que, por seu lugar social específico, o Gestor Ambiental pode desempenhar funções que substituem parcialmente as atividades dos movimentos ambientalistas. Por este motivo, a Gestão Ambiental pode servir apenas como camuflagem das atividades organizacionais que lesam o ambiente ou pode ativamente buscar transformações mais profundas dos sistemas de produção.

Palavras-chave: Ambiente. Gestor Ambiental. Gestão Ambiental. Crise Ambiental. Racionalidade Ambiental. Ensino Universitário.

ABSTRACT

This paper discusses the role of the Environmental Management and the Environmental Manager in the transformations scenario imposed by the contemporary environmental crisis. It becomes evident that there are several proposals to the Environmental Management. Some wants the Environmental Management as something primarily technical and others propose a more administrative version of it. This paper shows that, owing its specific social position, the Environmental Manager can carry out functions that partially replace the activities of environmental movements. Because of that, the Environmental Management can serve as camouflage of organizational activities that harm the environment or can actively search deeper transformations of production systems.

Key words: Environment. Environmental Manager. Environmental Management. Environmental Crisis. Environmental Rationality. Higher Education.

Informação sobre o autor:

[1] Antônio Ribeiro de Almeida Júnior – <http://lattes.cnpq.br/2099097782245161>
Professor Associado do Departamento de Economia, Administração e Sociologia;
Coordenador do Curso de Gestão Ambiental da Escola Superior de Agricultura Luiz de
Queiroz (ESALQ), Universidade de São Paulo (USP)
Contato: almeidaj@esalq.usp.br